

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TAMBOR DE MINA E OS TERREIROS DE PORTO VELHO

Luciano Leal da Costa Lima
E-mail: luciano_leal_lima@msn.com
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Sônia Maria Gomes Sampaio
E-mail: soniagsampaio@superig.com.br
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO

O presente trabalho é parte de um trabalho monográfico apresentado em 2009 e, também, como resultado de pesquisa que desenvolvemos desde 2010 acerca dos cultos afro-brasileiros na cidade de Porto Velho, Estado de Rondônia. Aqui refletiremos acerca do segmento religioso chamado de “Tambor de Mina” que surgiu no Maranhão em meados do século XIX e difundiu-se por todo o Brasil. Fundado por africanos da etnia de Mina, na região da Costa da África Ocidental, o Tambor de Mina se estabeleceu como umas das práticas religiosas africanizadas mais expressivas da cultura negra, difundida por adeptos da nação Jeje e Nagô. Analisaremos sua vinda para essa região no início do primeiro quinquênio de 1910 e refletiremos sob as nuances históricas de suas adaptações e a aglutinação de novos elementos ao culto, os quais facilitaram a sua prática e a adoração aos voduns Davice, Savaluno, Dambira, Queviocô e Aladanu. Para que isso fosse possível, consultamos as obras de Ferreti (1996; 2006), Prandi (2005), Lima (2011), Teixeira (1993), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Daomé; Voduns; Tambor de Mina; Maranhão; Rondônia.

INTRODUÇÃO

As duas primeiras e mais antigas casas de Tambor de Mina do Brasil podem ser encontradas no bairro São Pantaleão, no centro de São Luiz, capital maranhense. Fundadas em meados do século XX, as duas casas apresentam

características que lhe são peculiares: A Casa das Minas Jeje é consagrada ao Vodun Zomadonu¹, e a Casa de Nagô, consagrada ao orixá Xangô².

O antropólogo Sérgio Ferreti em sua obra (1996, p. 2) apresenta uma das principais características que vai diferenciar a Casas das Minas Jeje da Casa de Nagô. Segundo o Na Casa de Mina Jeje, os cânticos são em língua jeje e os caboclos que ali são manifestos, não recebem culto. Já na Casa de Nagô, os cânticos são entoados em língua nagô e em português e uma gama de entidades caboclas é são cultuadas e invocadas. Apesar dessa diferenciação entre as casas, nelas se preserva o costume de somente dançarem mulheres receptoras das divindades e que estejam em transe. Aos homens são imputadas funções ligadas à música e ao sacrifício de animais.

A partir dos trabalhos realizados por Sérgio Ferreti (2006), podem-se apresentar as principais entidades cultuadas nos segmentos religiosos presentes no Maranhão e perceber quais serão as que serão trazidas para cá, graças as suas características de cura e intervenção sobrenatural.

Nas casas maranhenses de Mina Jeje e Mina Nagô, presta-se culto a pouco mais de 60 voduns³, os quais são organizados em famílias apresentadas a seguir. A família de Davice com 27 voduns e Tobossis (entidades femininas infantis). A família de Savaluno com 6 voduns e tobossis. A família de Dambira ou Acossi Sakpatá com 17 voduns e tobossis. A família de Quevioçô e de Aladanu com 15 voduns e tobossis. Vale ressaltar que no Tambor de Mina entidades caboclas são cultuadas, mas são incorporadas aos seus rituais a partir das práticas encontradas nos terreiros brasileiros. Para Ferreti (1996):

Algumas entidades caboclas da Mina possuem características semelhantes às de Exu e Pombagira. Alguns caboclos são vistos como fortes, mas

¹ Segundo Prandi (2005, p. 5) o significado de Zomadônu - o dono da Casa das Minas e chefe de uma das linhagens da família de Davice. Rei e pai dos toquéns Toçá e Tocé (gêmeos), Jagoboroçu (Boçu) e Apoji. Zomadônu é filho de Acoicinacaba, que é filho de Dadarrô.

² Conforme o Dicionário Houaiss, Xangô significa: *s.m.* (sXX) REL 1 *B* orixá iorubá dado como o quarto rei (lendário) de Oyo, na Nigéria, cuja epifania são os raios e os trovões [Doze *qualidades* desse orixá são referidas nos candomblés nagôs de Salvador.] * inicial maiúsc. 2 *PB* a *SE* culto afro-brasileiro que constitui uma alteração do padrão litúrgico nagô, adaptado por diversos grupos étnicos conviventes no Nordeste do Brasil 3 *p.met.* *PB* a *SE* local onde se realiza esse culto; terreiro * X. de Ouro REL *B* Xangô em sua forma adolescente * ETIM ior. *Xãgo* 'id.' * PAR *xangó* (s.m.).

³ Voduns são deuses do povo fon ou jeje são forças da natureza e antepassados humanos divinizados. (PRANDI, 2005, p. 5).

perigosos e vingativos; fazem uso de bebida alcoólica, de palavras e gestos chistosos e meio obscenos (como os turcos, a família de Legua-Boji e os surrupiras). Mas essas características são reprimidas na maioria dos terreiros mais tradicionalistas. (FERRETI, 1996, p. 5).

No Terecô, destaca-se a família de Légua Boji Buá. Na Pajelança ou Cura, destacam-se entidades que estão ligadas a várias linhas de encantados como peixes, pássaros, princesas, caboclos, etc.

A tradição de Mina seguida por adeptos em Porto Velho era a “Jeje-Nagô”, embora não fosse apresentado como um segmento puro em suas raízes. A tradição Mina “Jeje-Nagô” era fruto de um sincretismo que trazia em seu bojo crenças nos voduns, orixás e inquices e apropria-se da manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança com a tradição religiosa afro-brasileira denominada Mata ou Terecô, surgida na cidade maranhense de Codó. Essa observação chegou até nós, graças ao depoimento de Hilton da Veiga Monteiro, babalorixá da nação ketu, também adepto das práticas de Tambor de Mina desde a cidade de Manaus/AM, de onde é originário. Quando da sua vinda para cá, em 1964, Hilton observou que o Tambor de Mina dos dois terreiros apresentava elementos pra ele desconhecidos:

Quando eu cheguei aqui, me disseram que o Terreiro de Santa Bárbara era Tambor de Mina, mas eu não vi Tambor de Mina aqui. Eu vi foi uma mistura de Pajelança, de Terecô e pouco de Tambor de Mina. (MONTEIRO, 2009, p. 7).

Essa tradição que aqui chegou a meados da década de 1910 veio repleta de transformações já observadas pelos pesquisadores Sérgio Ferreti (2006) e Mundicarmo Ferreti (1997) nas primeiras casas de Mina no Maranhão. Apesar dessa tradição vim com elementos de Mina Jeje, não significa que seus seguidores tivessem completamente ligados à Casa das Mina Jeje. Os pesquisadores citados acima defendem que os rituais Mina Jeje são levados para Codó e lá vão ser preservados junto a rituais de Mina Nagô, Terecô e Cura/Pajelança.

A partir das reflexões de Ferreti (2006, p. 4), conclui-se que só é possível a preservação de elementos doutro segmento religioso, a partir do momento que esses elementos não tragam em seu bojo nenhuma contradição ou rejeição no uso. Dessa forma cada um desses segmentos faz parte do grupo de religiões afro-brasileiras, por apresentarem elementos de diversos outros segmentos, além das

práticas africanas.

Num de seus primeiros contatos e experiências com a religiosidade professada em Porto Velho, o babalorixá Hilton da Veiga Monteiro confessou que, apesar de alguns terreiros apresentarem um culto ligado ao Tambor de Mina, percebeu uma enorme falta de homogeneidade com àquela religiosidade que praticava em Manaus. Os toques, as danças e as cantigas eram diferentes. Os caboclos, as caboclas e encantados foram outro motivos de perplexidade para ele. Vejamos outro trecho de sua entrevista:

Lá em Manaus tinha, mas era em algumas festas. Eles lá tinham senhores de toalha, voduns. Aqui eles diziam que era Mina, mas eu nunca vi, aqui, um ritual de Mina. (MONTEIRO, 2009, p. 9).

Podemos concluir que até mesmo adeptos do segmento Tambor de Mina, tiveram que passar por um processo de readaptação que poderia durar vários meses, a fim de apreender a “nova roupagem” que esse culto aqui apresentava.

Segundo o pesquisador Luciano Lima (2011), essa tradição sincrética vai ser praticada nos Terreiros de Samburucu, dirigido por Dona Chica Macaxeira desde 1940 (LIMA, 2011, p. 5) e Santa Bárbara, dirigido por Dona Esperança Rita desde meados de 1910 (LIMA, 2003, p. 5).

Os principais pontos de ligação entre os praticantes desse culto e suas origens foram quase que completamente perdidos, mantendo-se pequenas ramificações nos mais antigos terreiros da cidade de Porto Velho/RO, dos quais podemos citar:

- Terreiro Santa Bárbara dirigido pelo Pai de Santo Beto, localizado na Rua Ubirajara, 221, Bairro Vila Tupi;
- Terreiro de Santo Onofre dirigido pelo Pai de Santo Jacinto, localizado na Rua Salgado Filho, 1146, Bairro Mato Grosso;
- Centro Espírita do Pai de Santo José de Ubirajara, localizado na Rua Pernambuco, 2016, Bairro Três Marias;
- Centro Espirita São João Batista dirigido pela Mãe de Santo Óstia, localizado na Rua da Fortuna, 1017, Bairro Areal da floresta e
- Centro Espirita da Mãe de Santo Marli, localizado na Rua União, 2459, Bairro Socialista.

Lima (2003, p. 7) diz que esses primeiros praticantes mantinham todo um

conjunto de doutrinas que se conservaram ao longo dos anos, apesar do isolamento do terreiro em relação a outras casas com as mesmas tradições em outros estados.

Essa tradição religiosa afro-brasileira em Porto Velho apresenta um modelo sacerdotal marcado pela atuação e dominância do feminino, embora não deixe de apresentar a figura masculina.

Como no Maranhão, duas entidades vão marcar a trajetória religiosa das duas casas mais antigas da cidade de Porto Velho. Seus cultos, festas e ritualísticas são preservadas tanto no Terreiro de Santa Bárbara, como no Terreiro Samburucu. No primeiro, Santa Bárbara, a chefe dos terreiros de Mina, torna-se a dona do terreiro, tendo sua festa como o principal evento da casa. No segundo, Toi Verequete, sincretizado com São Benedito, será a entidade principal do terreiro que leva o seu nome como santo católico. Ferreti (2006) afirma que o Vodum Verequete é

Considerado na Casa de Nagô e nos terreiros de Mina Nagô, como o vodum que abre para a mata e chama as entidades caboclas. Na Mina do Pará e no Terecô de Codó, Averequete é considerado também a entidade que traz os caboclos. (2006, p. 3).

Para Teixeira (1993), as principais entidades cultuadas e preservadas no Terreiro de Santa Bárbara de raízes de Tambor de Mina são:

Santa Bárbara > Iansã;
N. Sra. da Conceição > Iemanjá;
São Lázaro > Obaluaiê;
São Jorge > Ogum;
São Benedito > Averequete ou Verequete;
Santaria > Nanã. (TEIXEIRA, 1993, p. 83).

Os dois Terreiros que existiam até a década de 1960 eram o de Santa Bárbara e o de São Benedito. Pelas suas origens, as mães de santo Chica Macaxeira e Dona Esperança Rita demonstraram profundo conhecimento das práticas ritualísticas e dos cultos as entidades do tambor de mina jeje-nagô, bem como daquelas ligadas às entidades caboclas presentes nos segmentos de terecô e cura/pajelança predominantes na cidade codoense. Dona Esperança Rita e Dona Chica Macaxeira marcaram toda uma geração de seguidores. Suas crenças, afirmações e reafirmações nessas paragens, ainda são lembradas, seguidas e realizadas nos mais de 130 terreiros de umbanda de Porto Velho.

Vale ressaltar que cada uma delas teve seu período de glória, de ascensão religiosa em meio a uma sociedade marginalizadora e discriminadora. Tal reconhecimento está na memória dos antigos moradores da cidade de Porto Velho.

Dona Chica Macaxeira é lembrada por diversos episódios presentes no imaginário popular. Lima (2011), em artigo publicado com o título de “*Dona Chica Macaxeira, a mãe de santo que ressuscitou: contribuições para o estudo dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho/RO*”, apresenta diversos mitos construídos em torno dessa mulher, podendo aqui destacar as diversas invasões promovidas por autoridades políticas que queriam que o terreiro saísse das proximidades da Rua Abunã, pois inibia o arruamento promovido pela Prefeitura; sua morte e ressurreição; o caixão roxo guardado dentro do terreiro que atraia muitos curiosos para ver a mãe de santo bailando; o uso do feitiço para proteger seu filho Japão enquanto ela vivesse, entre outros. Sua trajetória de vida social está inteiramente ligada ao terreiro e suas práticas cultuais. Tais episódios foram apresentados por Lima (2009) em seu trabalho de monografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho está voltado para a prática do Tambor de Mina de tradição Mina Jeje e Mina Nagô que vêm para Porto Velho, sincretizados com práticas indígenas, Terecô ou Mata, oriundas da cidade de Codó/MA. Assim, identificamos elementos religiosos originários do Maranhão, com a adoção de um sincretismo que irá constituir uma nova vertente religiosa. Quando se fala em nova vertente religiosa, referimo-nos ao fato de que não se instala aqui um Tambor de Mina com suas características Jeje ou Nagô, mas um Tambor de Mina que incluiu em sua doutrina elementos de Terecô e rituais de cura encontrados entre os indígenas, o uso de bebidas rituais como a Ayahuasca e a Chicha, além de outras formas desconhecidas por aqueles que as presenciaram.

Essa conclusão foi possível graças às entrevistas que realizamos nos anos de 2009 e 2010 com alguns membros de terreiros, entre eles pais de santo, que ao se depararem com os rituais dos terreiros Samburucu e Santa Bárbara, não conseguiram identificar um único segmento religioso, mas um amontoado de crenças aceitáveis e rituais complexos até então desconhecidos.

Teixeira (1993, p. 138) acredita a existência de diversas crenças num mesmo

espaço religioso, funciona como uma espécie de intercâmbio entre aquilo que é considerado sagrado e aquilo que é profano, capaz de suprir as necessidades humanas dentro do imaginário religioso criado pelo homem.

Nos atuais terreiros, encontramos a presença e a permanência das práticas trazidas por esses primeiros adeptos. As incansáveis ladainhas, rezas e cânticos ainda fazem parte do corpo litúrgico de muitos terreiros. Outros resumiram suas liturgias, adaptando-se ao novo modo de vida social e religioso. Alguns afirmam que se as liturgias antigas fossem mantidas, presentes na rigidez e exigências religiosas, a maioria dos terreiros da cidade já teriam fechado suas portas. A mentalidade atual se volta para um ritual festivo, incorporações constantes, bebidas e comida em abundâncias, deve fazer parte do escopo religioso do culto, caso contrário a frequência aos cultos religiosos se torna escassa.

A luta dos praticantes da religião não oficial, da preservação de seus valores, da manutenção de sua cultura, são elementos que por si só mostram como um povo ou indivíduos isolados podem deixar sua marca, suas crenças, seus traços ao longo da história. Assim, os seguidores dessas orientações espirituais conseguiram transmitir e deixar vivos sua história, sua língua cultural e tantos outros elementos vivos que jamais deixarão de fazer parte da vida do povo brasileiro.

FONTES CONSULTADAS

FERRETI, Sergio F. *Sincretismo Afro-brasileiro e resistência Cultural*. Disponível em: <http://www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600200001.doc>. Acessado no dia 10.06.2010

FERRETI, Sérgio. *Querebentã de Zomadônu*: Etnografia da Casa das Minas do Maranhão. São Luís: Edufma, 1996.

FERRETI, Sérgio. *Repensando o sincretismo*: estudo sobre a casa das minas. São Paulo: Edusp; São Luís: FAPEMA, 1995.

FERRETI, Mundicarmo. *Tambor de mina e umbanda*: o culto aos caboclos no Maranhão. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Mina%20e%20Umbanda.pdf>. Acessado no dia 16.05.2010.

HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 2009.

LIMA, Abnael Machado de. *Compêndio de História e Cultura de Rondônia*. In: *A História de Rondônia*. Conferência proferida na XVV – Convenção distrital de Lions

Clube de Porto Velho. Edigral, 1993.

LIMA, Luciano Leal da Costa. *Chica Macaxeira, a mãe de santo que ressuscitou: Contribuições para o estudo dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho/RO.* Disponível no site: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/veredasamazonicas/article/view/238/253>. Acessado em 09.02.2012.

LIMA, Luciano Leal da Costa. *Formação dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho/RO.* Disponível no site: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/veredasamazonicas/article/view/237/252>. Acesso em 09.02.2012.

LIMA, Marta Valéria de. *História e estrutura ritual de um terreiro gege-nagô em Porto Velho.* Disponível em http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/numero112Marta.pdf. Acessado em 04.07.2011.

LIMA, Marta Valéria de. *Mudanças e Transformações das Práticas Rituais do Barracão de Santa Bárbara em Porto Velho – RO.* 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

MONTEIRO, Hilton da Veiga. Entrevistas com babalorixás e ialorixás na cidade de Porto Velho/RO: depoimento. 2009. Entrevista concedida para Luciano Leal da Costa Lima. Porto Velho, 22 de fevereiro de 2009.

PRANDI, Reginaldo (Org.). *Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados.* Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Nas pegadas dos voduns: um terreiro de tambor de mina em São Paulo.* In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (Org.). *Samvó: o amanhã nunca termina.* São Paulo: Empório de produção, 2005.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. *Abatás D'Loru: perspectivas dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho – Rondônia.* 1993. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.